

## CAPITULO IV: Da fundação de Barra do Corda

Da seara do fundador — Rotas e rastros —  
 Povoados existentes em 1835- Síntese histórica  
 da viagem — Do Centro-leste ao Sul da Província  
 — A marcha do descobridor — O Vale de Amor e  
 de Poesia

### Da seara do fundador

No semiárido Sertão do Nordeste brasileiro, se alargara as chapadas de Ibiapaba do Apodi e do Araripe, separadas aqui e acolá por serras. Desta região íngreme, saiu o fundador de Barra do Corda: **Manoel Rodrigues de Melo Uchoa**<sup>25</sup>.



Figura 3: Quadro do fundador Melo Uchoa. Fonte Turma da Barra

Levado pelo desejo de descobrir, povoar e servir, cultivando a terra, contam os antigos, deixará para trás um mundo de recordações gradas, mas também de tristezas. Nele, deviam estar presentes as saudades do vale do Acaraú, nos limites da Meruoca e do Crateús, verdadeiro contraste com as paisagens tipicamente de arbustos e cactos, xique-xique, da macambira, do umbu, da catingueira, da oiticica e do juazeiro, que não se desnudam durante as secas...

### Rotas e rastros

Os descobridores deixam marcos por onde passam. Ocorre que os caminhos ou estradas que percorrem para os descobrimentos são como as lembranças, se apagam no decorrer das eras. Assim, aconteceu com aqueles que, para descobrir e povoar, adentraram os sertões do Nordeste, vencendo **caminhos de tropa e veredas abertos com o suor e a angústia dos escravos e dos índios**. Deixaram, como no nosso caso, vilas e povoados — **Pastos Bons, Riachão, Carolina, Picos**, entre muitos, registrando assim a sua presença indiscutível. Todavia, os anos de interesses e controvérsias, provocados pelas lutas e pela paixão, levaram a que as marcas dos pés dos animais em que cavalgavam, rumo ao descobrimento, se apagassem.

Em nossos sertões, não existiu a presença da fúria dos mares do esquecimento, mas não faltaram as forças e os arpejos dos ventos do próprio desenvolvimento, com seus interesses, apagando as coisas e as melhores lembranças e registros.

Os cronistas modernos estão desprezando detalhes das "Idas e das vindas", achando que são complicadores do processo de relato, capazes de levarem a interpretações que, por sua vez, possam conduzir ao desvirtuamento da verdade histórica.

<sup>25</sup> O primeiro prefeito a fazer justiça à Melo Uchoa foi **Joaquim Milhomem Sobrinho** ao batizar o antigo Largo de Santa Filomena e também praça Melo e Albuquerque de praça Melo Uchoa em 1935 nas comemorações do centenário de Barra do Corda. Outro prefeito empreendedor, que valorizava a cultura, como instrumento essencial para formar a identidade de um povo, foi Galeno Edgar Brandes, um visionário educador, que em 1967 reinaugurava a praça Melo Uchoa com um belíssimo monumento ao nosso fundador (Turma da Barra, Álvaro Braga, 13 de abril de 2013)

No final da primeira metade do século XVIII, já estavam oficializados e reconhecidos alguns dos centros urbanos da Província, significando isto que o fundador de Barra do Corda, Melo Uchôa, ao penetrar no Maranhão, atravessando o lendário Parnaíba, dando início ao que o faria célebre, encontrara cidades, vilas e povoados, tais como: São Luís, Alcântara, Guimarães, Viana, Itapecuru, Brejo, Caxias, Pastos Bons e Chapada, São Bento, Vitória, Rosário, Icatu, Tutóia, Codó, Coroatá, Passagem Franca, Picos, Arari, Anajatuba, Santa Helena, Turiaçu, Paço do Lumiar, Mirador, Riachão, Carolina, São Bernardo e Balsas.

Definiremos, analisando documentos, depoimentos e registros considerados legítimos, as várias rotas marcadas pelos cronistas, quanto às andanças que Melo Uchôa teria realizado para chegar, à nossa região, bem assim das credenciais, apoios e aconselhamentos recebidos para o desempenho de suas tarefas.

### **Síntese histórica da viagem**

Melo Uchôa saiu de **Fortaleza** e veio ter a Uruçuí, em meados de Janeiro de 1835. Seu destino: a Província do Maranhão; os objetivos da viagem sé definiam como procurar um solo fértil e rico onde, pudesse viver e trabalhar, em companhia de seus familiares. (**Monografia dos Anos 30: Origem e Povoamento do Município de Barra do Corda**. Cap. III).

Segundo Abdias Neves. "Melo Uchôa era **tenente de primeira linha**, com experiência no campo das medições de terras e dá Geografia" (dados do antigo Departamento de Estatísticas e Geografia).

Para atingir Uruçuí, atravessando provavelmente o **Centro da Província do Ceará**, teve de ultrapassar as **encostas da Serra Grande**, limite que definia as duas províncias, e descer para as regiões de **Oeiras**, primeiro povoado do Piauí, Freguesia, Vila de Oeiras e antes **Cabrobó**, pleno sertão, centro da Capitania e Província e sua primeira Capital (**Enciclopédia Brasileira de Geografia — Vol. II**).

**Uruçuí, Alto Parnaíba**, vila economicamente importante pela criação de gado, foi a porta de entrada de Melo Uchôa para transpor o **Parnaíba**, e sua primeira parada com demora para rever amigos e conhecidos.

**José Maria de Miranda Uchôa**, bisneto do fundador, narrava que, em Uruçuí, ele encontrara-se com amigos e conhecidos, a quem dissera de seus planos e deles teria recebido apoio para entrar no Maranhão, tanto no que se refere aos cuidados com a sua família, como no que tange ao conhecimento das autoridades e chefes dos poderes da Província.

As autoridades ao tempo, com quem Melo Uchôa avistar-se-ia, foram: senador **Antônio Pedro da Costa Ferreira**, presidente da província: deputado **Manoel Pereira da Cunha**, Presidente da 1ª Assembleia Provincial do Maranhão. (**O Poder Legislativo do Maranhão**, Mílson Coutinho, p. 34): **Cônego José R. Machado**, auxiliar da Província; e o desembargador **Joaquim Vieira S. e Sousa**, Presidente da Província do Maranhão de 1832 a 1834, Juiz de Fora no Estado do Ceará, em Fortaleza no ano de 1829, que viria a ser presidente do Tribunal de Justiça, em 1854 (vide **Apontamentos Para a História Judiciária do Maranhão**, de Mílson Coutinho).

Em companhia de um velho amigo de farda, **coronel Alecrim**, e confiando nas amizades que encontraria na Capital, viaja para São Luís, deixando em Uruçuí a sua família e boa esperança de se avistar com as autoridades do Maranhão, sem saber que o destino haveria de, a 7 de abril de 1970, transformar aquela região no ponto-chave do desenvolvimento do Piauí e do Maranhão, com a construção da Usina da verdadeira Boa Esperança, que iniciou o processo de redenção destes dois Estados.

Mas, naqueles idos de 1835, cujos fatos estamos tentando reconstruir, Melo Uchôa demorar-se-ia mais de dois meses para chegar a São Luís, contando com apoio nas vilas de **Pastos Bons** e de **Caxias das Aldeias Altas**, já existentes.

Brasil: Nordeste Oriental Caminhos Percorridos Pelo Fundador Manoel Rodrigues de Melo Uchoa CROQUIS—Esc: 1.6000.00



Figura 4: BARRA DO CORDA NA HISTORIA DO MARANHÃO - Prof. Galem Edgar Brandes

### Povoados existentes em 1835

"Ao chegar a São Luís, o **Cônego Machado** reiterara para Melo Uchôa as Informações que lhe foram prestadas ainda no Piauí, quanto a que o governo estava interessado em contratar, e até premiar, pessoas sérias e competentes que se interessassem por **descobrir e povoar o centro do Estado do Maranhão**" (Barra do Corda — Arquivo Público).

Melo Uchôa é recebido pelo presidente, com quem assume compromissos de desempenho dos trabalhos de interesse do governo, mudando assim os seus primeiros objetivos ao deixar a terra natal, **transformando-se num agente do governo da Província do Maranhão, com credenciais para descobrir e povoar o Centro Geodésico da Província**, até então, sede de índios das tribos Canelas e Guajajaras, descendentes dos **Tapuias e dos Tupis**.

Amplia as suas relações de amizade; reúne, em discretos volumes de materiais, armas e víveres e, em companhia de um escravo e do amigo de farda, coronel Alecrin, volta a **Uruaú**.

### Do Centro-leste ao Sul da Província

Entre Pastos Bons, Mirador, Picos e Riachão, no ano de 1835, esteve Melo Uchôa, à guisa de espaço, de caminhos e apoio, já então com legitimidade atribuída a ele pelo Presidente da Província, para a realização de várias tarefas, sendo a principal o descobrimento e povoamento da Região Central da Província, entre a **Vila da Chapada**, em franco desenvolvimento, e **Pastos Bons**.

"Havia certa decadência no desenvolvimento de **Pastos Bons**, então. Paralelamente, crescia o povoado de **Mirador**" (Dicionário de César Marques, p. 480) onde, para alguns, Melo Uchôa teria conduzido a família, após ter deixado Uruaú e ingressado no Maranhão.

Mas é de **Pastos Bons** que ele começa a definir as coisas, entre elas a formação de sua comitiva de viagem. Convence **José Lazaro Teixeira**, hábil no relacionamento com os índios e antigo companheiro de luta em Jenipapo — PI (Monografia dos Anos 30: Origem e Povoamento do Município de Barra do Corda Cap. III). José Lázaro Teixeira acompanharia Melo Uchôa, em caráter definitivo, até os momentos gloriosos da descoberta que breve haveria de concorrer. Mantinha contato com os índios; era uma espécie de intérprete. Apresentava Melo Uchôa às autoridades das vilas e nos povoados por onde passavam. Conhecidíssimo entre os **vales dos rios Parnaíba, Itapecuru** e no **Baixo Alpercatas**, viabilizava os entendimentos finais para a arrancada rumo ao centro.

É possível que José Lázaro Teixeira tenha convencido a Melo Uchôa de deixar sua esposa era **Picos**, onde dispunha de grandes amigos, que sugeriam mais confiança.

Ribeirinha da margem direta do Itapecuru, Picos dependia administrativamente de **Passagem Franca**, mais antiga e com melhor representação na Assembleia Provincial. Mas Picos começava a se impor, com a vinda de recursos para a desobstrução do rio Itapecuru, no trecho até Caxias. Este fato beneficiaria não apenas Picos, como também a Mirador, que passaria a ter um meio seguro de fazer o escoamento da produção agrícola e da própria carne de gado, maior riqueza da região" (vide Dicionário..., de César Marques).

O trecho que se segue é do Arquivo Público: **Monografia dos Anos 30: Origem e Povoamento do Município de Barra do Corda**, p.7, Cap. III, Origem. Povoamento e Evolução social: "...1835. Nesta viagem foi ter a Picos, na fazenda da Consolação, cuja dona se chamava Felicidade, deixando, porém, ali a família.

Do Centro-Leste partiria para o Sul da Província, tendo reforçado a caravana descobridora com o sertanista **Félix Ribeiro**, oriundo de Mirador e descendente de família radicada e de importância na região, cujos troncos velhos teriam vindo dos sertões nordestinos, desde o século XVIII (**Minha Terra e Minha Gente:— Colonização, Costumes, Genealogia**, de J.S. dos Reis Júnior).

Não se passaram muitos dias, já estavam viajando com destino a **Riachão**, Melo Uchôa, José Lázaro Teixeira, o sertanista Félix Ribeiro e dois escravos.

Para muitos cronistas, Melo Uchôa teria realizado a caminhada, que o conduziria a fundar Barra do Corda, **partindo de Mirador**.<sup>1</sup> Para outros, teria saído de Riachão direto para o centro (vide História de Barra do Corda, p.3, de Sidney Milhomem) — com o que concordamos.

"Assim, Melo Uchôa e seus companheiros, dois escravos, um sertanista e um intérprete, entre outros, e arrieiros acostumados na região deixaram, nos primeiros dias do mês de abril de 1835, a **Vila de Riachão**, com rumo Norte, visando ao centro da Província".

Desconhecendo totalmente quaisquer acidentes geográficos que pudessem servir de referência, Melo Uchôa, após alguns dias de viagem, se deparou com a primeira grande acrópole<sup>26</sup>. Das escarpas, perseguindo veios d'água, verificou que estes aumentavam de volume. Antes poderia ter sido a **Serra da Croeira**, agora mais adiante, a do **Alpercatas**.

Continuando a viagem, cujas decisões eram tomadas de acordo com os companheiros, encontra o rio. Na cor, no volume d'água, tudo se parecia com aquele que banhava a região de Mirador e Picos. Não tinha dúvidas, estavam seguindo o rumo certo. Era o **rio Alpercatas**. Atravessaram-no. Não sabiam. Estavam na área que integraria depois a unidade administrativa que o Governo recomendou que a descobrissem. Descoberta ali, já estava. O povoamento se faria depois.

Na marcha, o descobridor teria que escolher um local adequado para a instalação do futuro povoado, que tivesse água perene e fosse plano, entre outras coisas. Prosseguindo viagem rumo ao Norte, o que significava sempre viajar para o centro do Estado, tiveram duas grandes surpresas, a primeira foi o encontro com centenas de índios (A evolução consequente, através dos anos, mostrou que se tratava, já àquela época, dos remanescentes do Grupo Jê, entre nós os chamados Canelas. Mas ainda estavam nas regiões das aldeias que viriam a ser chamadas **Porquinhos** — vide Relatório do Serviço de Proteção aos índios n° 20, de 23/05/1941.

De qualquer forma, e para elucidar os fatos, os índios são nômades. Até poderiam ser outros e também diferentes quanto ao lugar e aldeamento). A outra surpresa fora a descoberta de grande malha ribeirinha. Pequenos, córregos, mas verdadeiros mananciais de

<sup>26</sup> Acrópole é a parte do estado construída nas partes mais altas do relevo da região. A posição tem tanto valor simbólico como estratégico, pois dali podia ser melhor defendida. Era na acrópole das diversas cidades que se construíam as estruturas mais nobres, tais os templos, e era conhecida como lugar sagrado.

águas lípidas, tão puras como a Flor do Tempo, acidente matriz do **rio Capim**, já para o Sul. integrando o que mais tarde viu-se como uma diminuta cadeia, onde as **serras Negra, Branca, da Croeira e das Alpercatas** quebravam a uniformidade do Planalto Central, mas constituíam a fonte dos rios que banham as regiões Leste, Centro-Leste, Centro e Oeste do Estado, contribuindo com as maiores bacias fluviais do **Golfão Maranhense**, que oferece o espetáculo sui-generis, pois correm todos os rios para o Norte.

Um século depois Newton Figueira falava do apoio que os índios teriam oferecido a Melo Uchôa, a partir do encontro e da troca de cumprimentos entre os descobridores e os silvícolas. Dizia o ilustre Agente do Serviço Público de Estatística de Barra do Corda em 1926: Nesta viagem de núpcias com Barra do Corda, Melo Uchôa /encontrara uma rede fluvial que contava em aproximadamente quarenta pequenos córregos na sua maioria nascentes na Serra da Alpercatas e quase todos contribuintes do rio Capim.

Cronistas e poetas da terra têm descrito esta viagem de maneira romântica, dando aquele toque indispensável de aventura e glória que o fato mereceu para sempre. Como todos, exaltamos as canções e os poemas cantados e recitados de **Maranhão Sobrinho a Olímpio Cruz**, passando por **Demóstenes e Pedro Braga; Efrem Roland, Frederico Figueira, Isaac Ferreira** e muitos outros, em torno da epopeia da nossa origem. Celebrizaram a viagem. Os caminhos e as ribeiras guiaram os descobridores e sua comitiva à foz do rio Capim. A versão melhor é a mais doméstica, partida de **José Maria de Miranda Uchôa**: "que Melo Uchôa teria encontrado o **riacho Papagaio** e seguindo-o fora à confluência dele com o rio Capim" (vide **História de Barra do Corda**, p. 15, de Sidney Milhomem).

O rio Capim nasce na Flor do tempo, limites extremos (de Grajaú com Barra do Corda) da região, no pequeno local denominado **Olho D'água dos Três Buritis**. Tem inicialmente vários nomes, porque se forma de muitos olhos d'água. Nas suas cabeceiras há um fenômeno (quem não sabe e não é avisado, se espanta): passa o rio, com seu volume completo, por baixo de uma rocha firme, de modo a permitir, com toda a franqueza, o trânsito a cavalo de um lado para outro sem embaraço algum.

Hoje, este fato e outros que envolvem os aspectos regionais; espigões discretos encontrados, aluviões decorrentes dos depósitos das águas ribeirinhas numa vegetação de estepe, sugerem que Melo Uchôa teria margeado o rio Capim, encontrando primeiro o **Ourives** e, depois, o **Salobro**, realmente no lugar que os índios denominavam de "Zuzapé". Teriam se demorado no local? Estavam; sim, às portas do descobrimento.

Vencendo alguns pequenos acidentes, chegariam dias depois e armaram "barraca" numa vegetação tipo savana, em solo caracterizado por relevo serrano, sentindo-se a presença do grande vale. Poderia ser ali a área em que hoje se planta o bairro Altamira. Os índios afirmaram, com conhecimento de causa, que estavam "bem pertinho" de um lugar bonito !...



Figura 5: Viagem de Riachão a Barra do Corda

### O Vale de Amor e de Poesia

Era verdade. Lá embaixo, o vale. Emoldurado ao Norte, a Oeste e ao Sul, pelas águas que, se não fossem as encostas do Leste, dir-se-ia tratar-se de uma ilha de superfície ponderável. Mas lá do Leste se levantava o espigão onde o fundador se encontrava, contemplando pela primeira vez o **Vale Verde de Amor e de Poesia...**

Melo Uchôa deve ter sentido a brisa de vento alísio soprando, quem sabe, anunciando que, um século mais tarde, um sertanista de gerações daquela terra que estava fundando e um gênio da mesma raça Tupy, também nativo, haveriam de escrever e musicar para sempre a *Canção Cordina*, espelhada nos versos:

*"Ó minha terra berço tão querida,  
Que te embalas feliz adormecida  
Ao doce marulhar  
Das tuas águas puras cristalinas,  
cantando nas encostas das colinas  
Em noites de luar"*

*(Olimpio Cruz e Moisés Araújo)*

Dizia Pedro Braga: — "Esta nossa terra, é Heráldica e Heroica". Completemos, hoje; Melo Uchôa escreveu com sacrifício a primeira grande epopeia barra-cordense.

Contam os antigos que Melo Uchôa e seus companheiros desceram para reconhecimento do lugar. Uns falam que foram atraídos por uma grande árvore, vislumbrada ainda do alto e de longe. Outros dizem que, margeando o rio, sem dúvidas chegaram a sua confluência com outro rio. Deram de rosto com o cenário encantador. Paisagem que enche os olhos de quem ama e encanta a alma dos poetas, prosadores e ensaístas, como aquele que, 53 anos depois, ao ver pela primeira vez o encontro do Rio (que já se chamava Corda) com o Mearim, escrevera: "O espetáculo era de fato deslumbrante: as correntes dos dois rios chocando-se bruscamente como se repeliam sem se misturar; mas o Corda, afinal mais novo, mais forte e mais ousado, acabava por vencer o soberbo contendor, infiltrando-se pelo seu selo arrogante e sombrio com o ímpeto irresistível de sua linfa cristalina e pura ..." — O ensaísta brilhante, cuja vida foi das mais gloriosas na nossa terra, no Maranhão e no País, foi **Dunshee de Abranches**. (vide **A Esfinge do Grajaú**, p. 81, capítulo Caminho do Sertão).

Em meio, completando a paisagem, pequeníssimas formações, ilhotas, cercadas de águas de duas origens; límpidas e pardas; frias e mornas; mansas e velozes. Pássaros medrosos, "sacudindo as penas e arrufando as asas..."saudando os fundadores...

Por fim, começava ali a nossa história. Sob a gigantesca, "**sapucaieira**", **Manoel Rodrigues de Melo Uchôa**, **José Lázaro Teixeira** e **Félix Ribeiro**, dois escravos, alguns arrieiros<sup>27</sup> e **pequeno grupo de índios**, elegeram aquele local como melhor para fundar o povoado.

Esta história é verdadeira: nossos avós, que disseram aos nossos pais, que nos contaram e nós a estamos escrevendo para que nossos filhos e netos, contem-na aos seus descendentes.

Foi assim a fundação do **povoado Missões**, que deu origem à cidade de Barra do Corda.

Passemos a examinar o seu desenvolvimento social, econômico e político: a exploração e ocupação da terra em toda a sua extensão, no contexto da história do Maranhão.

---

<sup>27</sup> condutor de bestas de aluguel